

OS PRIMÓRDIOS DA PROSA GREGA

*Katsuzo Koike**

RESUMO: O presente artigo trata de algumas questões referentes ao surgimento da mais antiga prosa na Grécia arcaica. A expressão em prosa é tradicionalmente referida aos inícios da história e filosofia, ou seja, aos aspectos mais racionais e críticos da literatura grega. É preciso, no entanto, considerar que a prosa grega está envolvida por uma intrincada relação institucional, social, técnica e intelectual no contexto em que surge, o século VI a.C.

PALAVRAS-CHAVE: Grécia, Jônia, literatura, prosa, letramento.

THE EARLY GREEK PROSE

ABSTRACT: This work deals with some important questions about the beginnings of Greek prose. Ionian prose, as the more significative literary tradition in philosophy and history, is usually connected to the emergence of rational and critical thinking in Greece. However, the beginnings of Greek prose is involved in many institutional, social, technical and intellectual problems in the sixth century BC.

KEYWORDS: Greece, Ionia, literature, prose, literacy.

Muito se tem discutido sobre a questão do letramento na Grécia Antiga, a chamada *Greek literacy*, bem como tem sido considerável o crescimento da bibliografia especializada acerca do tema¹. E um dos aspectos mais relevantes nesse contexto é o do estabelecimento da prosa como

* Mestre em História Antiga pela UFRJ; membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos; professor de Teoria da Argumentação Jurídica na Faculdade Maurício de Nassau (Recife –PE).

¹ Cf. Eric Havelock, *The Muse Learns to Write: Reflections on Orality and Literacy from Antiquity to the Present*. New Haven: Yale University Press, 1986. Marcel Detienne e Giorgio Camassa, *Les Savoirs de l'écriture en Grèce ancienne*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1988. G.Cambiano, L. Cànfora e D.Lanza, *Lo spazio letterario della Grecia antica v.I, .t.1:La produzione e la circolazione del testo*. Roma: Salerno, 1992. Alan K. Bowman. and Greg Woolf (eds.), *Literacy and power in the ancient world*, Cambridge: Cambridge University Press, 1994. Kevin Robb, *Literacy and Paideia in Ancient Greece*. New York: Oxford University Press, 1994. Harvey Yunis (ed.), *Written Texts and the Rise of Literate Culture in Ancient Greece*. New York: Cambridge University Press, 2003. David R. Olson and Nancy Torrance. *Literacy and Orality*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1991. Rosalind Thomas, *Literacy and Orality in Ancient Greece*. New York: Cambridge University Press, 1992. I.Worthington, (ed.). *Voice into Text: Orality and Literacy in Ancient Greece*. Leiden: E.J. Brill, 1996.

expressão literária na Pólis. A própria definição de *prosa*, em termos da cultura letrada grega, já constitui motivo de divergência entre os estudiosos, historicamente falando. Existe uma distância considerável entre alfabetização, como aprendizado da técnica de ler e escrever, e a expressão “literária” de discursos narrativos ou descritivos, que exigem maior fluência escrita. Os registros alfabéticos que nos chegaram de épocas anteriores ao século VII a.C. na Grécia são raros e ínfimos, conforme expôs a estudiosa Lilian Jeffery em seu famoso livro *The Local Scripts of Archaic Greece*, de 1961. Menos de uma dezena de inscrições fragmentadas, poucos grafitos escritos sobre pedra ou argila, praticamente resumem os resquícios descobertos da época mais antiga da escrita grega. Se a escrita alfabética ingressa no mundo grego de modo progressivo ou não, ao menos precisou de algum tempo, um século ou mais, para se tornar uma prática socialmente difundida. Sugere-se que os primeiros usuários dessa nova tecnologia tenham sido comerciantes e artífices, pelo que consta nos indícios acima descritos (Havelock, 1996, p.191). Mas rigorosamente falando, o uso do discurso escrito não se tornou propriedade de nenhuma classe ou atividade específica da Pólis. Cada camada social tratou de encontrar uma utilidade para a arte da escrita, nas mais variadas atividades, em ambiente rural ou urbano: do artesanato ao comércio, da legislação aos cultos religiosos, na poesia e na história, na edição de calendários ou moedas, em tempos de guerra ou nas ocasiões festivas. Os recursos orais de memorização terminaram cedendo espaço ao registro gráfico, visual e durável da escrita, muito embora a oralidade tenha continuado a exercer um papel preponderante naquela sociedade. Há provas evidentes disso, pois a poesia tradicional não perderá seu valor depois da chegada do alfabeto; primeiro, porque ela será transcrita no novo sistema, além do que a própria leitura se tornará uma prática conjunta de recitação de texto, e a oratória, a arte da eloqüência, será critério de educação elevada a partir do século V a.C.. (Havelock, op.cit., p.195)

Conforme é correntemente aceito, a prosa nascente grega não constitui apenas o marco de uma grande mudança de postura de estilo; ela foi igualmente considerada expressão da forma racional do pensamento, ou melhor, do modo crítico e mais objetivo de referência à realidade (Adrados, 2005, p.129). Sua expressão, conforme salientou J. Denniston (1960, p.01), manifestou-se basicamente em história e filosofia, sendo o jônico o dialeto usado por quem quisesse exprimir-se por escrito nesse modelo “prosaico”. Assim, é para a região da Jônia, para as cidades litorâneas do oeste da Anatólia, que devemos lançar nosso olhar, a fim de compreender os impactos do aparecimento da prosa em termos mais amplos.

Os estados jônicos da época arcaica são lembrados pela pujança cultural e econômica, resultado da expansão colonizadora e comercial realizada por todo o Mediterrâneo. Centros como Éfeso, Quios, Mileto, Samos ou Cólófon destacaram-se pelo uso precoce do alfabeto, da moeda e dos calendários, e por concentrarem uma grande produção artística, arquitetônica e intelectual. Grandes poetas, filósofos, geógrafos e historiadores circularam por aquelas pólis, principalmente no século VI a.C., e cada vez mais se evidenciava a cultura individualista e crítica que marcaria

aquela geração (Zeller- Mondolfo, 1967, p.48). O homem grego arcaico não se isentou de colocar uma posição ou opinião pessoal, de confrontar idéias e debater, nos mais diversos campos de saber. Parecia não haver motivos a temer em se adotar tal postura, diferentemente da realidade nas realezas do Oriente Próximo. O intrigante nisso tudo é que na época arcaica, algumas cidades jônicas e eólias não viveram anos de liberdade e abertura democrática em suas instituições políticas, mas vivenciaram tiranias, como em Mileto, Samos e Mitilene. Geoffrey Lloyd (1993, pp.236 e ss.) argumenta que o desenvolvimento intelectual grego, incluindo o aspecto crítico de pensamento, esteve estreitamente vinculado à evolução dos processos políticos, com o debate sobre a natureza caminhando paralelamente aos assuntos da vida política. Para ele, a pesquisa filosófica e científica não se concentrou tão somente dentro de sistemas democráticos, mas foi um fenômeno extenso, visível em diversas constituições políticas. Ao que parece, as próprias tiranias gregas prezaram as manifestações intelectuais de seus cidadãos, e alguns tiranos fomentaram inclusive as artes e a cultura em seus domínios, como Polícrates em Samos, e Trasíbulo em Mileto; outros até ficaram conhecidos como “sábios”, como foi o caso de Pítacos em Mitilene, e Periandro em Corinto, incluídos nas famosas listas dos Sete Sábios da Grécia (Diog. L. I, 13).

A cidade-Estado também soube tirar proveito da técnica escrita para expressar seu controle e poderio, passando a publicar, a partir século VII a.C., decretos de lei, tratados, listas de magistrados, sacerdotes ou atletas, calendários e outras formas oficiais de expressão. De fato, a escrita estatal manifestou-se inicialmente de maneira rudimentar e prática, sobre monumentos de pedra (Thomas, 2005, p.55). Para William Greene (1951, p.39) esses documentos, entre outros, serviram na verdade como *hypomnemata* (*aide-memoires*), memórias ou registros escritos, sem qualquer pretensão de arte literária. Mas em algum momento do século VI a.C., esse estilo prosaico de escrever desenvolveu-se para um uso realmente “literário”, ou seja, como forma de linguagem artística utilizada por vários intelectuais, principalmente na Jônia, para expressar experiências, especulações e idéias. E a inserção, em data incerta, do papiro e do couro como suportes materiais para escrita, pode ter favorecido bastante o avanço da expressão literária, tanto em quantidade quanto em qualidade.

O dialeto da prosa nascente, então, foi por muito tempo, o jônico, que se firmou como veículo do saber refinado, língua da educação, da ciência e da investigação (*historie*), utilizada nos séculos VI e V a.C. pela maioria dos intelectuais de toda a Hélade. Encontra-se provavelmente aqui o germe da tese de Simon Goldhill (2002, pp.04-05) a respeito da prosa clássica grega, tornada meio de expressão de autoridade, chave da posição pessoal e pública na vida da Pólis. O autor entende a prosa não apenas como uma invenção estilística ou técnica de formalização da fala cotidiana, mas também como aspecto marcante de um desenvolvimento cultural que integrou a vida política e as revoluções do saber na Pólis clássica. Ele reconhece que a invenção da prosa envolveu uma disputa de autoridade, basicamente entre a nova forma de

escrita, e a tradicional palavra poética, que também passou a ser registrada por escrito². O estudo de Goldhill concentrou-se em analisar a situação de Atenas, do século V a.C. em diante. Nada impede, no entanto, de enxergarmos na Jônia do século anterior um contexto semelhante.

Havelock (op. cit, p.29) justifica o surgimento da prosa literária na região jônica pelo fato de que lá se estabeleceram desde muito cedo as escolas elementares de escrita e leitura. Em reforço a essa tese, há um testemunho de Heródoto (VI, 27) no qual um terremoto na ilha de Quios derrubou o teto de uma escola sobre crianças que aprendiam as letras, deixando 119 vítimas, por volta de 494 a.C.. A epigrafia arcaica reforça o pioneirismo jônico em prosa, conforme sugerem algumas inscrições de dedicatórias e epitáfios durante o VI século a.C. (Jeffery, 1990, p.57).

O uso “literário” da escrita depende de uma formação elementar de jovens na leitura e na escrita. Essa seria a base para a criação de uma *elite* capaz de “um uso mais elevado da escrita” (Nieddu, 1984, p.213). Quando a novidade da escrita caiu no gosto das elites, devem ter aparecido as primeiras escolas formais para o ensino das letras. Note-se que o homem livre, cidadão, precisou de rudimentos de escrita para participar da vida pública.

Na visão de I-H. Marrou (1990, p.76), o uso da palavra escrita havia se tornado tão presente na vida comum das pessoas que “a educação não pôde continuar ignorando-o”. É aceitável a idéia de que apesar da provável difusão da escrita no século VI a.C., a formação completa do homem não dependia fundamentalmente do saber escrever e ler, conforme é exigível hoje em dia. Bastava, naquele tempo, conhecer as tradições cantadas pela poesia, cultivar os valores da *Pólis*, e exercer bem o seu ofício. Em outras palavras, o homem grego arcaico seria medido não pelo sangue nem por suas posses, nem pelo que estudava, mas pelo valor que demonstrava para a sociedade, enfim, por sua “utilidade pública”. Desse modo, a escrita não era concebida com a importância que lhe atribuímos atualmente.

A poesia, bem verdade, era que alimentava os valores mais elevados daquela sociedade, conforme evidenciam os ambientes e audiências da expressão poética. Os cantos, recitais e performances musicais ocorriam durante festivais, jogos, simpósios e outras celebrações, diante das elites aristocráticas das pólis, que tradicionalmente prezavam a palavra poética. Por isso, quando a “musa aprendeu a escrever”, não restringiu seus temas, mas trabalhou para adequar suas fórmulas discursivas às exigências da escrita e de seu público. O passo seguinte da alfabetização, com o aparecimento do discurso escrito em prosa, foi “revolucionário” por suas

² O professor espanhol Raúl Caballero, em recente artigo, vai mais longe ao sustentar que a produção e publicação de leis escritas pelas autoridades da *Pólis* serviram, de certa forma, como importantes “modelos de referência” para os primeiros filósofos escreverem seus tratados em prosa. Cf. R. Caballero, *Las musas jonias aprenden a escribir: ley escrita y tratado en prosa en los milesios y Heráclito. Emerita* 76,1 (2008) 1-33.

conseqüências (Havelock, op. cit., p.85). A palavra tradicional do *mythos*, representada nos versos inspirados dos poetas passará a dividir espaço, no âmbito escrito, com outro estilo, que foi o da conversação simples, corrida e prosaica. Rompendo com os limites impostos pela versificação, do ritmo e da métrica, a prosa nascente revelou claros avanços intelectuais, pois promoveu o surgimento das primeiras composições narrativas, sobre viagens, contos, cosmologia, história e filosofia.

Os primeiros registros escritos em prosa serão chamados de λόγοι, discursos, pois se referiam ao modo de conversação, não à métrica poética. A prosa é chamada geralmente “*pezós logos*” pelas fontes antigas, que quer dizer “discurso pedestre” ou “linguagem a pé”, denunciando sua forma rasteira ou simples, não merecedora de elogio, diferente da arte divinamente inspirada e elevada da poesia (Goldhill, op. cit., p.05). Os escritores desse tipo de discursos serão chamados pelos gregos de *logográphoi* ou *logopoiói*, ou seja, aqueles que produzem ou compõem *lógoi* por escrito (Bury, 1958, p.14-15). Não havia ainda uma quantidade de leitores suficiente para a disseminação geral de obras, mas havia grupos de interessados em ouvir a leitura pública de prosas sobre histórias de cidades e heróis, lendas divertidas, dados ancestrais ou geográficos do mesmo modo que se ouvia a recitação da poesia. Na visão contrária de Pearson (1975:05-06), a denominação *logográphoi* ou *logopoiói* atribuídas àqueles autores não foi propriamente porque escreviam *lógoi* em prosa, mas porque eram “contadores de histórias”, “cronistas” ou mesmo “romancistas históricos”. É assim que Heródoto se refere ao milésio Hecateu, como um *logopoiós* (II, 143)³.

A maioria das histórias da literatura grega inicia sua exposição apresentando a obra de Homero. Primeiro, por ele representar a mais antiga autoria de obra literária de que se tem notícia, de acordo com o testemunho dos gregos; segundo, pela dimensão de seu trabalho, reconhecidamente o maior monumento artístico-literário da civilização clássica. Havelock (op. cit., p.163) situou a transcrição da obra de Homero em algum momento entre 700 e 550 a.C. A anotação de uma obra tão vasta não deve ter sido efetuada de uma só vez, nem por um único homem. É razoável pensar que o registro dos versos homéricos tenha ocorrido gradualmente, durante anos e anos, inicialmente de modo rústico, até a coleta total do *corpus* tal qual o conhecemos. Pode-se aceitar que Homero conhecia a escrita recém-chegada na Grécia, pois ele

³ Em favor de Bury, pesa o fato de que Heródoto, em meados do século V a.C. considera seu antecessor Hecateu de Mileto uma autoridade literária, e não mero “contador de histórias” (Cf. VI, 137): “(...) os pelasgos tinham sido expulsos da Ática pelos atenienses; que eles o tenham feito justamente ou injustamente eu não posso dizer; posso apenas repetir o que se conta: Hecateu, filho de Hegesandro, adotou em seus escritos a palavra injustamente;” Que Heródoto dispôs de vários tipos de fontes para compor suas Histórias é um fato pacífico; mas que ele consultou trabalhos escritos da intelectualidade de seu tempo e de antes, também deve ser colocado fora de dúvida. (Cf. D. Lateiner, *The Historical Method of Herodotus*. Toronto: Toronto Univ. Press, 1991, p.94; R. Fowler, *Herodotus and his prose predecessors*. In: *The Cambridge Companion to Herodotus*, Eds. C. Dewald and J. Marincola. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2008. Pp. 29-45.)

teria nascido e vivido na Jônia do século VIII a.C., justamente no local e época da instalação do alfabeto no mundo grego. Mas supor que Homero em pessoa pudesse ter registrado por escrito toda sua obra, considerando o que sabemos do potencial da escrita grega em torno de 700 a.C., é uma posição insustentável (Ford, pp.131 e ss.). Depois de Homero, uma série de poetas, de Hesíodo aos autores elegíacos e líricos, como Arquíloco, Mimnermo, Sólon, Safo, Alceu, Teógnis, só para citar os mais famosos, também teriam publicado seus versos por escrito.

É largamente difundido que a prosa foi a expressão apropriada para filosofia e a ciência. Porém, não se deve esquecer que a prosa foi da mesma forma usada para a edição de leis, decretos e tratados a partir do século VII a.C., e que logo depois será a linguagem dos manuais técnicos, conforme veremos mais adiante. De modo inverso, ciência, história e filosofia foram igualmente expressas em verso, tal como o fizeram Xenófanos, Parmênides, Empédocles (todos ditos “filósofos”) ou Cleóstratos de Tênedos, um contemporâneo de Anaximandro, e autor de um poema astronômico (6 A 4DK).

Estrabão (I, 2,6), geógrafo do séc. I a.C., chega a afirmar que a prosa não passava de imitação da linguagem poética. No entanto, verificamos que a prosa é distinta da poesia por não conhecer as limitações do metro versificado, e por ser popularizante. Sua preocupação não é basicamente artística ou emotiva, mas sim descritiva e de certo modo, narrativa. Usar o critério “objetividade” ou “racionalidade” para diferenciar entre esses dois estilos é inadequado e radical demais, se pensarmos no período arcaico grego, em sua primeira produção literária (Mazzarino, 1990, pp.35-37). Mesmo os primeiros escritores em prosa não se furtavam de contar uma boa anedota, inserindo, em seus discursos, narrativas mitológicas e lendas locais. Tucídides (I, 22), o historiador ateniense, que escrevia em dialeto ático exemplar, por volta de 430 a.C., chegou a advertir: “Pode acontecer que a ausência do fabuloso (*mythôdes*) em minha narrativa pareça menos agradável ao ouvido”. Sem dúvida, ele apresenta uma crítica aos historiadores anteriores a ele, incluindo Heródoto, e sinal de que, como seu antecessor, esperava que sua obra fosse lida em público. Mas é preciso admitir que se a prosa não estava necessariamente a serviço da verdade, da razão e da objetividade, pelo menos era um tipo de linguagem que favorecia a expressão clara, direta e simples, ao contrário das fórmulas poéticas, em grande parte cheias de figuras de linguagem, tons solenes e imprecisões de sentido.

Dionísio de Halicarnasso, historiador do séc.I a.C., em seu tratado sobre Tucídides (cap.V), cita doze nomes de historiadores anteriores à Guerra do Peloponeso, dos quais nove provinham da Ásia Menor e de ilhas vizinhas. Entre eles nomeia-se Cadmo e Hecateu de Mileto, Helânico de Lesbos, Acusilau de Argos e Xanto da Lídia. É plausível que Dionísio tenha lido o que restava das obras desses antigos autores, pois pôde fazer juízo de seu estilo: “*a linguagem que usaram era, na maior parte, similar, clara, simples, sincera, concisa, apropriada ao tema, e não revelava*

qualquer arte elaborada de composição”⁴. O gramático Apolônio Díscolo, que nasceu e viveu em Alexandria na época de Adriano e Antonino Pio (séc. II d.C.) também testemunhou o dialeto jônico usado por autores arcaicos, como Ferécides de Siros, Hecateu e Demócrito (7B10 e 11DK). Ele explica o uso do nominativo e de pronomes pessoais, por parte desses autores. A considerar a seriedade de Apolônio, e do lugar onde trabalhou – Alexandria – o relato torna-se relevante em favor da existência de textos arcaicos preservados ainda naquele período. Não podemos supor a quantidade de textos que ele dispunha.

Plutarco, contemporâneo de Estrabão, avalia a relação de outrora entre verso e prosa: “Nos tempos antigos, os filósofos escreviam seus discursos e teorias em versos; assim o fizeram Orfeu, Hesíodo, Parmênides, Xenófanés, Empédocles e Tales; e os que escreviam em prosa não perderam a reputação em astronomia, como Aristarco, Timócaris, Aristilo e Hiparco,(...)” (11B1 DK). Essa passagem nos ensina que uma poesia não precisava ser a imagem da subjetividade do autor, apenas de conteúdo mítico, fabuloso ou passional; e nem a prosa foi sempre um discurso histórico, científico, filosófico ou realista. Há poesias extremamente profundas pelo seu teor filosófico, como em Xenófanés e Parmênides, ou que descrevem realidades técnicas, como astronomia ou agricultura, como os *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo. Inversamente, a prosa também serviu para expressar assuntos mitológicos, por exemplo, a obra teogônica de Ferécides de Siros, ou a genealogia de Acusilau de Argos, em meados do século VI a.C..

Foi costume entre os gregos encontrar um fundador ou inventor para quase tudo, em filosofia ou mitologia, técnica ou ciência. Os antigos literatos, então, lançaram-se a identificar o primeiro autor grego a publicar um tratado em prosa. As fontes antigas não são concordes a respeito dos nomes. Teopompo⁵, autor do século IV a.C., citado por Diógenes Laércio (I, 116), atribui a Ferécides de Siro a autoria da primeira obra em prosa que versava “sobre a natureza e sobre os deuses”⁶. No Léxico de Suda, vemos ora Ferécides, ora Cadmo, um historiador de

⁴ Citado por L. Pearson, op.cit.; pp.03-04. Infelizmente, os poucos fragmentos dos primeiros historiadores gregos, bastante reformulados pela tradição, não nos permitem confirmar a posição de Dioniso (Carla Schick, *Studi sui Primordi della Prosa greca*. In: Arch. Glott. Ital. V. XL, 1955. Pp. 89-135).

⁵ Sobre este autor, ver A. Momigliano. *La Historiografia Griega*. Barcelona: Crítica, 1984. Pp. 168-194.

⁶ Ferécides é uma figura obscura, provavelmente de meados século VI a.C. Apolodoro cita seu acme em torno da 59ª Olimpíada (544-541 a.C.) (cf. 7 A1 DK). Em geral, ele é relacionado lendariamente a Tales e Pitágoras. Diz-se que havia escrito em dialeto jônico, em prosa alegórica e enigmática, a obra *Heptamychos*, *Theocrasia* ou *Theogonia*, do que restam apenas fragmentos. Cf. K. Freeman. *The Presocratics Philosophers*, Cambridge (Mass.): Harvard Univ. Press, 1966. Pp. 36-38. Segundo demonstra a doxografia, a obra de Ferécides ainda era famosa na época romana. Para os testemunhos, fragmentos e discussão, ver a edição portuguesa de Fernando Bastos: *A Teogonia de Ferécides de Siro*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003.

Mileto, ou Hecateu, seu concidadão mais jovem, como os primeiros prosadores. Outra tradição põe o livro de Anaximandro, ilustre milésio e discípulo de Tales, como o mais antigo tratado filosófico em prosa (12 A 7 DK), datado de pouco antes de 546 a.C., segundo com o cronologista Apolodoro. Embora para Martin West (op. cit., p. 30, n.3) essa questão da primeira obra em prosa seja insolúvel e sem importância, o tema já rendeu muita discussão no meio acadêmico⁷.

Enquanto a maioria dos estudiosos identifica o surgimento da prosa literária em história e filosofia, o arquiteto romano Vitruvius, do século I d.C., cita dois tratados práticos de arquitetura que podem ter sido os primeiros manuais em prosa da Grécia: um foi escrito pelo arquiteto Chersiphron de Cnossos, que projetou o templo de Ártemis em Éfeso, com a ajuda de seu filho Metagenes; o outro, havia sido escrito por Teodoro de Samos, construtor do templo dórico de Hera, em Samos. Essas obras, que Vitruvius ainda pode ter alcançado, pela descrição que faz das técnicas usadas, situam-se entre 560-550 a.C. (Hanh, 2001, p. 80), e não se sabe ao certo o seu provável conteúdo, se traziam desenhos geométricos ou apenas textos. Não pode ser mera coincidência que os primeiros gregos a escrever sobre arquitetura trabalhassem em cidades jônicas, como bem lembrou J. Coulton (1977, p. 24).

A falta de materiais escritos arcaicos é o principal empecilho para uma avaliação criteriosa sobre a questão do início da prosa grega. O estado fragmentado e escasso dos resquícios literários, sua adulteração estilística, muitas vezes, não permite avançar muito na pesquisa. O pouco que restou das obras dos *logógraphoi* arcaicos e clássicos apenas sobreviveu, informa Giuseppe Nenci (1967, p.05) devido ao interesse dos estudiosos alexandrinos sobre aspectos eruditos mitológicos, geográficos ou lingüísticos presentes nas obras do passado.

Os tratados de Anaximandro, Anaxímenes, Cadmo, Hecateu, Ferécides, Acusilau, ou aqueles dos arquitetos citados devem ter saído de circulação muito cedo. A escrita que praticaram, entretanto, foi suficiente para expressar idéias, descrever regiões e contar histórias; sua prosa resultava de pessoas completamente letradas. Vai uma distância muito grande entre saber escrever um nome riscando uma ostraca ou uma parede, e produzir tratados técnicos, geográficos, cosmológicos ou astronômicos. No início, a prosa grega era estática, e não dinâmica, pois não havia construção de parágrafos, mas sim expressão de sentenças (Denniston, op. cit., p.02), e estas ainda apareciam de modo pouco elaborado e rígido, com uso de termos comuns do cotidiano. Apesar disso, muitos autores puderam expor seu saber, suas práticas, visões de mundo e tradições em nível elevado de escrita. Ainda hoje, o fato de saber assinar o próprio nome ou

⁷ Cf. Por exemplo, Felix Jacoby. The First Athenian Prose Writer, in *Mnemosyne*, XIII (1947). Pp.13-64. Charles Kahn. Note: The First Greek Prose Treatise, in: *Anaximander and the Origins of Greek Cosmology*. New York: Columbia University Press, 1960. P.240. G.S. Kirk e J.E. Raven, *Os Filósofos Pré-socráticos*, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990. Pp. 43-44. D.L. Toye. Pherecydes of Syros: Ancient Theologian and Genealogist. In: *Mnemosyne*, L (1997). Pp. 530-560.

reconhecer algumas palavras não serve mais como parâmetro de alfabetização. A prosa escrita exige um tempo de aprimoramento, de prática e fluência na arte de escrever. Os escritores da antiguidade tardia, que presumivelmente alcançaram aquelas obras, puderam verificar o antigo estilo, em geral simples, claro, sintético.

Concluindo, a prosa jônica foi mais que um estilo literário, foi um modelo de afirmação intelectual na Pólis arcaica, inserida no contexto da *literacy* grega. Além disso, ela não esteve sempre direcionada à produção crítica, científica ou filosófica, literariamente falando. Em relação ao panorama da poesia, a prosa nascente não realizou uma radical separação temática, nem mesmo em termos conceituais, já que é evidente a dívida de seu discurso para com as formas do epos, em relação ao passado glorioso e às questões dos homens e do mundo (Pascucci, 1993, p.613). É presumível que o modelo da prosa, escolhido pelo estado póliade para legitimar seu controle jurídico, político ou mesmo religioso, tenha disputado espaço social e intelectual com a tradição poética, no âmbito comunicativo da Pólis. Natural, pois, que certos autores, ligados a dados interesses estatais, porém mais progressistas, tendessem para o novo modelo da prosa como meio de expressar seu conhecimento; assim o fizeram alguns historiadores, geógrafos, genealogistas, técnicos e mesmo mitólogos, que prezaram por descrições ou narrativas claras, simples, concisas; outros, ainda ligados à tradição poética anterior, continuaram expressando seu saber em verso, interessados nos aspectos estéticos de sua expressão, exercendo igualmente forte presença cultural e política. De modo que a partir do século VI a.C., o espaço literário das Pólis precisou distinguir duas tradições estilísticas, que, se não foram opostas ou independentes, estiveram implicadas em uma disputa, ao mesmo tempo, de autoridade política e intelectual, de apropriação de discurso e interesses culturais. A prosa escrita, produzida para ser recitada, abriu um outro canal de comunicação de saber para o público póliade, uma nova forma de immortalizar as obras e seus autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

- ADRADOS, F.R. *A History of the Greek Language: from its origins to the present*. Leiden and Boston: Brill, 2005.
- BURY, J.B. *The Ancient Greek Historians*. New York: Dover, 1958.
- COULTON, J.J. *Ancient Greek architects at work: Problems of structure and design*. London: Elek, 1977.
- DENNISTON, J. D. *Greek Prose Style*. Oxford: Clarendon Press, 1960.
- DIELS, H.-KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Voll.3; Berlin: Weidmann, 1954.
- DIÓGENES LAERTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mario da G. Kury; Brasília: UnB, 1988.
- FORD, A. *Homer, the poetry of the past*. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1994.

- GOLDHILL, S. *The Invention of Prose*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2002.
- GREENE, W.C. "The Spoken and the Written Word". In: *Harvard Studies in Class. Philology* (1951), v.LX; pp.23-59; Cambridge : Harvard Univ.Press.
- HAHN, R. *Anaximander and the Architects*. Albany: SUNY Press, 2001.
- HAVELOCK, E. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- HERÓDOTOS. *História*. Trad. Mário da Gama Kury; Brasília: UnB, 1988.
- JEFFERY, L. *The Local Scripts of Archaic Greece*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- LLOYD, G.E.R. *Magic, Reason and Experience: Studies in the Origins and Development of Greek Science*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1993.
- MARROU, H-I. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.
- MAZZARINO, S. *Il Pensiero Storico Clássico*. Roma-Bari: Laterza, 1990.
- NENCI, G. La Storiografia Preerodotea. In: *Critica Storica*, VI (1967). Pp.1-22.
- NIEDDU, G.F. "Testo, Scrittura, Libro nella Grecia Arcaica e Classica: Note e Osservazioni sulla Prosa Scientifico-filosofica". In: *Scrittura e Civiltà* (1984), n.8 ; pp.213-261.
- PASCUCCI, G. Il sorgere della prosa ionica: storiografia e scienza. In: *Storia e Civiltà dei greci*, v. II: *Origini e Sviluppo della città: L'Arcaismo*. Milano: Bompiani, 1993. Pp. 613-644.
- PEARSON, L. I. *Early Ionian Historians*. Westport: Greenwood Press, 1975.
- THOMAS, R. Writing, Law and Written Law. In: *The Cambridge Companion to the Greek Law*. Ed. M. Gagarin and D. Cohen. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2005. Pp.41-60.
- WEST, M. L. *Early Greek Philosophy and the Orient*. Oxford: Clarendon Press, 1971.
- ZELLER, E. – MONDOLFO, R. *La Filosofia dei Greci nel suo Sviluppo Storico*, P. I. I Presocratici, 1. Origini, caratteri e periodi della filosofia greca; 2. Ionici e Pitagorici; Firenze: La Nuova Italia, 1967.

Recebido em 28/08/2009.

Aprovado em 03/12/2009.